

As igrejas evangélicas como pronto socorro dos necessitados

“Deus não está só na Igreja Universal, mas a Igreja Universal é o pronto socorro dos necessitados. Geralmente quem vai à Igreja Universal, é porque está precisando de alguma coisa.”
(Entrevistado 2)

Palavras-Chave: [Base da igreja], [Ação coletiva], [Pandemia]

Autores/as:

Mônica Pereira Ruiz [IFCH]

Prof.^a Dr.^a Luciana Ferreira Tatagiba (orientador/a) [IFCH]

INTRODUÇÃO:

Este trabalho tem como principal tema o ativismo religioso evangélico. Minha questão principal é como é realizada a atuação "solidária" dos evangélicos durante a pandemia de Covid-19? Para responder a essa pergunta, tomo como objeto de observação a atuação dos grupos de caráter assistencialista da Igreja Universal do Reino de Deus (doravante IURD). Meu objetivo é analisar de que forma esses grupos já existentes antes da pandemia, se articularam a fim de amenizar impactos econômicos e sociais na vida das pessoas que utilizam os seus projetos sociais.

Estou inserida em um projeto de pesquisa coletivo que busca analisar o ativismo em torno da Covid, sendo que cada bolsista teve seu processo de pesquisa individual, tendo como ponto de partida as reflexões coletivas, geradas a partir da discussão dos nossos recortes analíticos. As perguntas de partida seriam as mesmas e se somariam a outras, sintetizando, ao final, um olhar à ação coletiva e à participação política, durante a pandemia de Covid-19. Fomos percebendo que algumas palavras como solidariedade, projetos políticos, bem-viver e violência, caracterizavam nossos recortes de tempo e contexto e que, ainda, poderiam nos servir de “pistas” para entender o trabalho e o foco da ação coletiva e da participação política enquadrada a esses moldes. Nosso interesse se orientou também em torno de algumas perguntas, dentre as quais se destacam: i) qual foi o papel da ação e participação em relação à pandemia?; ii) quais sentidos/visões de mundo as orientam?; e iii) quais perspectivas políticas de sociedade estão sendo colocadas em jogo?

A pandemia escancara a ineficácia do Estado para cuidar dos mais pobres, isto fica evidente com a política pública de isolamento

social, na qual não levou em consideração as especificidades dos mais empobrecidos. A exemplo disso tem-se o aumento do número de famintos e elevação da taxa de contaminação em massa dos mais desfavorecidos economicamente, por conta da falta de acesso a itens básicos de higiene, como saneamento básico (água), álcool em gel e sabonete, para higienizar as mãos, etc. A crise humanitária, gerada pela pandemia, fez com que as igrejas evangélicas assumissem um papel de extrema importância neste momento, pois por intermédio da base da igreja (fiéis, obreiros e pastores) levaram ajuda aos mais necessitados. Para a análise deste caso será estudado a Igreja Universal do Reino de Deus da cidade Campinas.

METODOLOGIA:

Esta pesquisa tem como instrumento de metodologia: a análise exploratória. Para isto, me baseei em leituras de artigos e dissertações sobre o tema estudado, acompanhei site da IURD, redes sociais dos grupos da região de Campinas e realizei 6 entrevistas semi estruturadas com os voluntários que participam dos grupos. Estes entrevistados são membros ativos dos grupos sociais da IURD, atuando em 2 diferentes sedes da IURD, localizadas no Centro de Campinas, embora parte deste grupo resida em bairros afastados ou periferias. Duas pessoas deste grupo de entrevistados foram encontrados pela hashtag do *Instagram* #iurdianos, um dos entrevistados foi achado através da página oficial “FJU Campinas” no *Instagram*, outra parte foi indicação de um dos líderes/obreiros do bloco de Campinas. Os entrevistados são compostos por duas mulheres, uma parda e a outra negra, e quatro homens, dois pardos, um negro e um branco. Todos os entrevistados têm o nível de escolaridade até o ensino médio. Os interrogados têm entre 30 a 67

anos, o grupo é bem diverso em relação ao perfil profissional sendo composto por: lactarista, autônomo, gestor de vendas, carpinteiro, publicitária e técnico de enfermagem. Para caracterizar os entrevistados serão utilizados números, para preservação de suas identidades. Optei por entrevistar o chão da igreja, pois há uma lacuna nos estudos ao olhar para as igrejas evangélicas neopentecostais, já que a grande maioria das bibliografias que abordam as ações coletivas realizadas pela instituição, analisam a partir da visão do topo da instituição religiosa. Já nesta pesquisa, trago a perspectiva da base da igreja. Para análise de caso foram estudados 3 grupos da IURD: Evangelização (EVG), Universal nos presídios (UNP) e Força Jovem Universal (FJU). É importante destacar que foi muito difícil conseguir realizar as entrevistas com os voluntários, pois muitos não aceitavam por medo de retaliações da própria comunidade religiosa. Por conta disso, obtive um número reduzidos de entrevistas, devido a isto não tenho pretensões de generalizar os resultados que foram encontrados para os demais grupos da IURD.

JUSTIFICATIVAS:

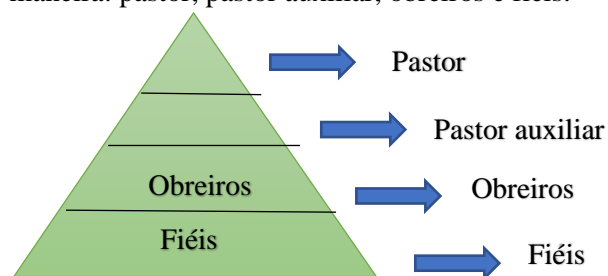
A motivação pessoal que me faz interessar pelo ativismo religioso nasce pelo fato de eu ser evangélica e fiel da Igreja Universal do Reino de Deus e não concordar com a visão de alguns membros da esquerda de colocar o protestante brasileiro no lugar de opressor e como um dos principais responsáveis pelo avanço do neoliberalismo e do conservadorismo brasileiro. Entretanto, a importância desta pesquisa está centralizada na ideia criar um diálogo entre a esquerda brasileira e os evangélicos. Isto porque a religião tem como maioria de adeptos mulheres negras e pobres, de acordo com os dados da Folha de S. Paulo: ¹os evangélicos são 31% da população, 58% são mulheres entre as quais 43% se identificam como pardas e 16% como pretas e 48% dos entrevistados vivem com até dois salários mínimos. A grande parcela dos fiéis da religião evangélica vive em estado de vulnerabilidade econômica e social, devido o Brasil ser uma sociedade extremamente desigual economicamente, racista e machista.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A chegada do pentecostalismo do Brasil conseguiu o status tão obstinado pelo protestantismo histórico, transformar a identidade do protestantismo, de “religião estrangeira” a “religião nacional”. Para Émile Léonard,^o

pentecostalismo cria facilidade em adentrar a sociedade brasileira, pois é um protestantismo baseado na conversão, evangelização e conquista. Além disso é um segmento dentro do protestantismo que se mostra aberto à cultura e ao proletariado urbano. Diferente do protestantismo histórico que era constituído por grupos de imigrantes ou descendentes diretos, oposto do pentecostalismo que está relacionado com a ideia de conversão (Scheliga, 2011).

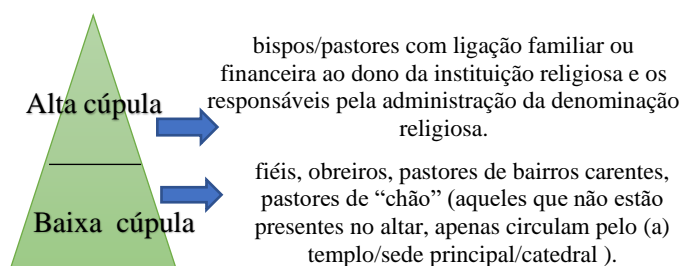
Diante disso fica mais acessível entender um dos fatores da expansão do pentecostalismo e sobre a raiz do neopentecostalismo. O neopentecostalismo é um movimento protestante que nasce 1970, tendo como características principais “posturas menos sectárias e ascéticas, uma postura mais liberal e tendências a investir em atividades extra-igreja (empresariais, políticas, culturais, assistenciais, quando comparadas com suas antecessoras do Pentecostalismo clássico e do Deuteropentecostalismo” (Moraes, 2010,p.2). Tendo como característica fundamental para este segmento religioso a estrutura organizacional similar a uma empresa (BERTANI, 2016). É baseada, nesta última característica que é desenvolvida nesta pesquisa a ideia de que a igreja tem uma estrutura similar a uma empresa industrial. A exemplo disso tem-se a sedes iurdianas, isto é para além do Templo de Salomão e catedrais, que estão organizadas da seguinte maneira: pastor, pastor auxiliar, obreiros e fiéis.



Porém é necessário ressaltar que dentro da categoria pastor existem as suas diferenças. Diante disso, observo que as igrejas evangélicas neopentecostais estão organizadas da seguinte maneira: a alta cúpula da igreja é formada pelos bispos/pastores com ligação familiar ou financeira ao dono da instituição religiosa e os responsáveis pela administração da denominação religiosa. Já o baixo escalão da igreja é composto por fiéis, obreiros, pastores de bairros carentes, pastores de “chão” (é a forma que eu nomeio os pastores que não estão presentes no altar, apenas circulam pelo templo/sede/catedrais). Tal fato ocorre justamente com a democratização do sagrado, o que possibilita entrada de novos pastores, oriundo de classe social

¹ Cara típica do evangélico brasileiro é feminina e negra, aponta Datafolha - 13/01/2020 - Poder - Folha (uol.com.br)

baixa, sem a necessidade formação acadêmica teológica.



A partir disso é possível compreender que os pastores apesar de possuírem o mesmo título, não podem ser colocados na mesma categoria. Isto fica evidente no texto de Ricardo Mariano (2008), são citados os pesquisadores Willems (1967) e D’Epinay (1970) que afirmam que o Pentecostalismo democratiza o acesso ao plano sagrado e à hierarquia eclesiástica, uma vez que fiéis pobres e com baixo nível de escolarização têm o direito de exercer dons do Espírito Santo, mesmo sem formação acadêmica em teologia e de ascender a cargos ministeriais.

A democratização ao acesso do corpo eclesiásticos da igreja possibilita a grande produção de pastores pentecostais e neopentecostais, configurando desta maneira este segmentos evangélicos como ambientes não elitistas, diferente da igreja protestante histórica. Porém criando hierarquias entre os pastores/bispo, assumindo a característica de empresa como é ressaltado no texto (Moraes, 2010). Segundo Ricardo Mariano (2008) este fato faz com que a igreja pentecostal abra larga vantagem perante os protestantes históricos e católico. Isto ocorre porque o único pré-requisito solicitado é o batismo do Espírito Santo e o desejo de evangelizar. Entretanto, os candidatos a pastores que são protestantes históricos, precisam estudar Teologia em seminário ou faculdade por quatro anos, no mínimo. E para poder exercer a função pastoral, de acordo com Mariano (2018).

A inserção de novos pastores oriundos de baixos estamentos sociais nas igrejas (neo)pentecostais também influencia na forma da ministração da palavra e na visão sobre as ações sociais realizadas pela igreja. Este fenômeno também pode ser percebido entre fiéis, das classes sociais mais empobrecidas das igrejas neo/pentecostais.

Para comprovação deste caso irei estudar ações sociais realizadas pelas Igreja Universal do Reino de Deus da cidade de Campinas em período pandêmico. A instituição iurdiana, é uma igreja

neopentecostal, fundada em 1977 pelo Bispo Edir Macedo e o Missionário R.R. Soares. É uma das igrejas precursoras na ideia da guerra espiritual ou guerra contra o diabo, ou seja o combate entre o bem (representado pelo sagrado) e o mal (o profano).

A guerra contra o diabo está diretamente relacionada com um tripé cosmológico. Isto porque as igrejas neopentecostais se caracterizam por três elementos: ênfase na guerra espiritual contra os males provocados pelo diabo; difusão da teoria da prosperidade; e abandono de parte dos costumes tradicionais e puritano (Mariano, 2003). A teologia da prosperidade se baseia na ideia de se obter uma saúde plena, prosperidade material, sucesso nos empreendimentos terrenos, felicidade e vitória sobre o diabo e os males causados por estas potestades e principados (Mariano, 2003, p.22).

A luta contra o diabo e seus representantes terrenos ganha enorme foco na teologia propagada pelos neopentecostais. Para este grupo de protestante, o mal é simbolizado pelas “doenças, nos baixos salários, na briga entre cônjuges, no desentendimento entre pais e filhos, na separação amorosa, no alcoolismo, no vício, na solidão, na depressão, enfim, nos mais distintos problemas que afetam os seres humanos” (Mariano, 2003,p.24). Diante disso se estabelece como dever primordial do cristão a evangelização dos que estão afastados de Deus para assim levá-los à salvação eterna (Mariano, 2003).

É pautado neste cenário que as ações sociais se tornam fundamentais pois elas assumem para além de uma ajuda assistencial, uma maneira de evangelização para o combate da guerra cosmológica entre bem e o mal. Sendo assim a IURD lança os projetos sociais visando ajudar os mais empobrecidos, mas acima de tudo propagar o evangelho baseado no molde neopentecostal.

A Igreja Universal do Reino de Deus inicia seus projetos sociais em 1990, em 1994 a IURD cria o projeto “Ler e escrever” que visava alfabetização de adultos, além de capacitação profissional, eventuais ações solidárias para arrecadação de donativos para doação e oferecimento de sopas para moradores de rua e residentes de albergue durante as madrugadas (Scheliga, 2011). Atualmente a IURD conta com 15 programas sociais no Brasil, sendo distribuídos por grupo ou subgrupos, beneficiando cerca de 13,2 milhões de pessoas em 2019, com 296 mil voluntários” (R7, 2020).²

A base da Igreja Universal como suporte dos necessitados

² [1] <https://noticias.r7.com/brasil/universal-completa-43-anos-com-10-milhoes-de-fieis-pelo-mundo-09072020>

As igrejas evangélicas ganharam mais destaques na pandemia, pois estas levaram e levam ajuda aos necessitados. Para a análise deste caso será estudado a Igreja Universal do Reino de Deus da cidade Campinas e como ela levou assistência aos mais pobres. Para a realização desta pesquisa, foram feitas 6 entrevistas exploratórias. Os entrevistados representam a baixa cúpula da IURD, ambos não possuem vínculo eclesíasticos com a instituição religiosa, entretanto são voluntários dos grupos e fiéis da obra iurdiana.. A escolha destes atores leva em consideração o enraizamento desses indivíduos, devido a forte atuação nos projetos sociais, o que contribuiria com respostas mais amplas e precisas sobre a totalidade das características e demandas dos grupos assistencialistas desta congregação neopentecostal .

Apresentação dos entrevistados:

Nesta pesquisa serão estudados 3 grupos da IURD, a partir das perspectivas dos voluntários dos projetos: Evangelização (EVG), Universal nos presídios (UNP) e Força Jovem Universal (FJU).

Entrevistado 1, gênero masculino, 42 anos, negro, ensino médio completo, técnico de enfermagem, se converteu há 5 anos ao protestantismo na Igreja Universal. Além de membro da IURD, é obreiro da instituição e colaborador (evangelista) do grupo EVG, atuando no subgrupo núcleo no lar. O obreiro conta que foi através de sua história de conversão que resolveu fazer parte do grupo: "...a única coisa que me veio quando olhei para o grupo de evangelização é aqui que vou servir a Deus, eu fui com intenção de servir a Deus, ganhar almas, buscar aqueles que assim como eu um dia eu tava sofrendo com depressão, querendo me matar, então mais por causa disso e por causa que quero agradecer a Deus, servir a Deus..."

Entrevistado 2, feminino, 67 anos, ensino médio completo e publicitária. Ela herda a religião evangélica de berço, cresceu na Igreja Batista, mas atualmente congrega na Igreja Universal do Reino de Deus há mais de 29 anos, é voluntária no grupo EVG há mais de 10 anos, no momento está atuando no subgrupo "Anjos da madrugada", mas por conta da pandemia participa de diferentes subgrupos da EVG. O que motivou a Cleusa a participar do grupo EVG: "A gente que é de Deus tem que evangelizar, temos de ganhar almas. Mas também tem que ajudar, Deus falou que a gente tem que cuidar dos necessitados, tá escrito na palavra de Deus (bíblia), tem que ajudar o necessitado. É mais bem aventurado o que dá do que receber, isto é, bíblico."

Entrevistado 3, masculino, 30 anos, pardo, ensino médio completo, carpinteiro, converteu-se

na Igreja Assembleia de Deus, entretanto migrou para a IURD a 1 ano. No momento é voluntário do grupo EVG a 6 meses e FJU há 3 meses. O que lhe motivou a entrar no grupo FJU: "foi o meu passado, quando era jovem, aos 14 anos fui preso. Passei um tempo na FEBEM, não tive oportunidade de conhecer um grupo assim, como o Força Jovem e também ninguém me apresentou nenhum projeto parecido ou me ajudou com a palavra de Deus. ...entrei para dar aos jovens a oportunidade que eu não tive de conhecer, para que não venha passar pelo o que eu passei..."

Entrevistado 4, feminino, 33 anos, parda, ensino médio completo, converteu-se à religião evangélica há 26 anos na Igreja Batista. Entretanto é membro da IURD a 13 anos, além de ser voluntária no grupo UNP a 2 anos, atuando na parte da comunicação do grupo. Ela se interessou pelo grupo devido: "Eu gosto de participar deste grupo... Eu me identifico muito com o grupo, porque eu tive irmãos que foram privados, eu sei o sofrimento que é passar por esta situação e como é confortante você receber uma palavra amiga, um conforto, abraço, por palavras, por telefone, por recados. Eu sei o que os familiares passam, porque já passei por isto, e é triste. E é melhor você ter pessoas que sabe para poder passar exatamente o que precisa."

Entrevistado 5, masculino 49 anos, pardo, ensino médio completo e gestor de vendas. Converteu-se ao protestantismo há 23 anos na IURD. Participa do grupo UNP a 4 anos, desempenhando a função auxiliar do líder da UNP. O que lhe motivou a participar do grupo foi sua experiência de ter um familiar preso: "... quis me doar nisto daí, para poder colaborar um pouco mais com a minha experiência vivida na parte de presídio. Porque eu tive um filho preso, ele ficou durante 1 ano e 9 meses detido. A pessoa quando vai fazer a visita, ela sofre muito, e aí tendo o trabalho que a Universal faz, que o grupo UNP faz, te traz um suporte."

Entrevistado 6, masculino, 37 anos, branco, ensino médio completo e autônomo. Converteu-se à religião evangélica aproximadamente 4 anos na Igreja Universal, atualmente realiza trabalho voluntário, na parte de comunicação, do grupo UNP. O que lhe motivou participar do grupo: "Quando entrei na igreja, achava que ela tinha muito dinheiro, isto é o que todo mundo de fora da igreja escuta, e aí eu percebi que a igreja não é isto, quando vi a UNP que foi levar a palavra para os presos que não tem condição nenhuma de ter nada e eles estão lá, levando a palavra de Deus, isto que me motivou".

CONCLUSÕES:

No decorrer das entrevistas percebi que a base tem a sua própria maneira de articular teoria

da prosperidade, para ela as mazelas proveniente do capitalismo como a desigualdade social e a miséria são manifestações malignas que afetam a vida quem não é convertido ao Deus protestante. Segundo a cosmovisão neopentecostal o mal vai atuar onde Deus não está, por isto a necessidade de conversão, isto fica explícito “Se vocês estiverem dispostos a obedecer, comerão os melhores frutos desta terra;”(ISAÍAS 1:19). A partir desta concepção religiosa a igreja irá ser vista pelos fiéis como um espaço capaz de modificar a vida delas por intermédio da manifestação do sagrado. Diante disso possível notar que a base da igreja quando mobiliza a teoria da prosperidade através da posse de algo (como emprego, etc) ou superação de algum mal (vícios, doenças, etc), atribui-lhe um sentido de restauração de vida, que pode ser entendido através da ideia de trazer dignidade ao convertido. Baseado nisso a igreja irá simbolizar, para a base dela, como local que restaura a dignidade dos seus membros, já que lhe ajudar superar dificuldades vivenciadas.

A grande diferença da forma como se mobiliza a teoria da prosperidade pelo chão da igreja para alto escalão da IURD, é que eles (a base da IURD) não visam em ter riquezas, apenas tem como meta ter uma vida digna, que vai ser expresso pela possibilidade ter acesso aos direitos sociais (emprego, alimentação, moradia, etc), mas também a qualidade de vida, como não ter vícios, não sofrer por doenças emocionais, não ter uma família desestruturada. Tal concepção nasce, justamente, porque o sistema capitalista dificulta o acesso aos direitos por conta da mercantilização deles, conseqüentemente a dignidade também é capitalizada. Diante disso a igreja irá se estabelecer como espaço que dá suporte e dignidade aos necessitados, através de suas ações solidárias de caráter assistencialistas que se dão por meio de doações. Pude compreender que há dois tipos de doações sendo que a primeira é baseada na doação material: cestas básicas, agasalhos, meias, luvas, cobertores, livros, bíblia, kit de higiene, etc. Mas também existe a doação imaterial que é calcada no apoio emocional, através das palavras de conforto ou de alento. As doações são provenientes dos próprios integrantes do grupo e dos membros da igreja. Ou seja, não há ajuda da alta cúpula para a realização destas ações assistencialistas. Com base nas entrevistas dos fiéis, pude perceber que os dízimos e as ofertas são destinados a instituição iurdiana.

Por fim, as mobilizações realizadas pela base da igreja que são fundamentadas na relação de fé e ação coletiva. As ações assistencialistas têm dois objetivos para base da igreja: prestar auxílio aos esquecidos pelo Estado e evangelizar. Os fiéis

executam as ações sociais, pois entende que o Estado é ausente na questão de prevalecer os direitos, além disso as ações solidárias são baseadas na empatia. Pois a base da igreja se vê veem naquela situação e diante disso nasce a necessidade de intervir para diminuir os impactos das mazelas traga pela pandemia. Todavia ações coletivas tem raiz na espiritualidade, já que ela é calcada na ideia que é necessário salvar almas, isto é, evangelizar todos para que venham se converter ao cristianismo neopentecostal e assim para que possa ter a vida eterna (salvação). O grupo tem maior foco de atuação em locais de extrema vulnerabilidade como periferias, favelas e presídios, fundação casa, etc. A partir deste contexto a igreja IURD vai se tornando um Estado de bem estar social, ao passo que ela vai realizando ações que são deveres do Estado.

BIBLIOGRAFIA

BERTANI, Silvia Mara Novaes Sousa. Neopentecostalismo e empreendedorismo: prosperidade e mobilidade social. Uma “nova” classe média? Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2016.

MARIANO, R. Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos. REVER, São Paulo, v.4, 2008.

MARIANO, Ricardo. Guerra espiritual: O protagonismo do diabo nos cultos neopentecostais. Revista Debates do NER, Porto Alegre, ano 4, n. 4, julho de 2004.

MORAES, Gerson Leite de. Neopentecostalismo - um conceito-obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro. Revista de Estudos da Religião, 2010.

SCHELIGA, Eva. Educando sentidos, orientando uma práxis? Etnografia das práticas assistenciais entre evangélicos brasileiros. Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2011.